LITERATURA DE CORDEL

BELÉM, CIDADE DAS MANGUEIRAS

✦ ✦ ✦



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

Depois da publicação
do cordel sobre Belém
considerei incompleto,
percebi que estava aquém,
muito ainda precisava
versejar pra ficar bem.

Resolvi *bebericar*
para cordelistas fins
dessa obra magistral
de Leandro Tocantins,
que em sua *Santa Maria,*
mostra Belém e confins.

Belém deste Grão-Pará,
que do índio e português
miscigenou a cultura,
transformando-a de vez:
arquitetura, costumes
e gente de bela tez.

Dia doze de janeiro,
mil seiscentos-dezesseis,
a expedição portuguesa
vinda de São Luís, fez
desembarque num *outeiro*.
De Belém chegou a vez.

A intenção lusitana
era evitar que ingleses
que por ali pululavam,
se unissem a irlandeses,
engrossando os já constantes
franceses e holandeses.

Desejavam preservar

a região, promissora.
Belo sítio protegido,
d'alguma força invasora.
Belém logo teve a *Santa*
Maria, por protetora.

Caldeira Castelo Branco,
Comandante português,
logo *Feliz Lusitânia*
a denominou e o fez
ratificando a conquista
do território, de vez.

A proteção instalada
pra defesa do lugar,
era simples, encurvada,
com os rios a ladear.
Por terra, uma paliçada
de taipa, *pra* resguardar

de ataques eventuais
que pudessem ocorrer.
Peças de artilharia
para todos proteger.
Os cinco braços *de alto*
reforçava o proceder.

A partir da *manjedoura*,
a *Belém* do *Grão-Pará*
logo se espraiou faceira
pelos sítios do lugar,
pela *Cidade*, hoje *Velha*,
pela *Campina*, invulgar.

Os caminhos da cidade
tem mangueiras maternais,

emoldurando, *mangando*,
vias, praças e quintais.
Ruas amplas, bem traçadas.
São lisboetas sinais.

Boas edificações,
grandes praças, novas formas.
São palácios, são igrejas,
são solares, chiques normas.
São aromas que rescendem
de maneiras saborosas.

É a cidade que namora
com o rio e a floresta,
troca carícias com o mato,
com as mangueiras faz festa,
com a natureza, enfim,
relaxa, tirando a *sesta*.

O clima é quente, agradável,
as brisas do oceano,
provindas do Marajó
nivelam o calor a um plano
onde o *geral* o transforma
em momento não insano.

O céu, sempre muito azul,
o sol forte pra valer,
é intenso, dói nos olhos,
impondo-lhes padecer,
amorena a pele clara,
cor bela a prevalecer.

Chuvas sempre, até demais,
porém boas, refrescantes,
às vezes, aborrecidas,

no inverno mais constantes,
no verão, mais espaçadas,
porém pra uns, irritantes.

O rio que a banha, brejeiro,
o *Pará*, bem portentoso,
foi confundido outrora
com o Amazonas, majestoso.
Pro paraense, entretanto,
o Pará é mais *cheiroso*.

Pará é terra de águas
abundantes, colossais,
de florestas verdejantes,
frutos equatoriais.
As chuvas são copiosas
mas refrescam bem demais!

As mangueiras espalhadas
bem arborizadamente,
fornecem frutos e sombra
naquele sol inclemente,
que de tão quente, às vezes
deixa o povo indolente.

Belém, de todas as graças,
do céu, da água, do ar,
das cores, dos rios e matas,
dos cheiros a inundar
a cidade da Senhora
de Nazaré pra cuidar.

Há muito pra revelar
desta cidade brejeira,
de natureza pujante,

de geografia faceira,
cordelisando em versos
sua história altaneira.

A nossa Santa Maria
de Belém do Grão-Pará
é repleta de surpresas,
monotonia não há:
sobrados de azulejos,
gradis de ferro por lá,

lembram a antiga Lisboa:
belas igrejas formosas,
trechos de ruas, marcados
por capelas preciosas.
Frutos típicos, folclore,
comidas deliciosas.

Belém é mundo de cores
variadas e ardentes,
expostas no Ver-o-Peso
e nos produtos presentes
nos barcos e nos caboclos.
Idas e vindas frequentes.

Para muitos o calor
é insuportável, cruel.
Mas Belém tem como máxima
36 graus. É fiel!
Se à tarde o *geral* bate:
noite fresca no *farnel.*

Fato interessante que
é bem *pitorescamente*
difundido por ali
no seio de sua gente:

a chuva das duas horas.
Regionalistamente,

A cozinha paraense
é motivo especial
para ser classificada
como orgulho nacional,
hoje é bem valorizada
à nível internacional.

É o pato-no-tucupi,
maniçoba, de bom grado,
casquinha de caranguejo,
o pirarucu grelhado,
peixadas de todo tipo,
muito diversificado

é marca bem registrada
das coisas que existem ali.
Pirarucu, maniçoba,
o pato no tucupi,
cupuaçu, tapioca,
tacacá e buriti;

pupunha e tucumã,
tracajá e murici,
jambu e farinha d'água,
taperebá, bacuri,
caruru e vatapá;
a bacaba e o açaí.

São frutos e iguarias
da zona equatorial.
São aromas, são sabores,
pros do Pará, sem igual.
Hoje a globalização

irrompeu o regional.

O açaí se iconizou.
Para uns, é galhardia,
é sobremesa, é merenda.
Causa força, euforia.
Farinha d'água ou tapioca
complementam a iguaria.

Outra marca registrada
na tradição do Pará
de maneira inconteste:
a cuia com tacacá.
Coisa mais revigorante
pro belemense não há.

Vamos passear agora
na Belém tradicional,
descrevendo traços da
arquitetura local.
Praças, prédios, casarões,
desde o colonial.

Começando pelo *Forte
do Castelo*, a principal
base das operações
da expansão colonial.
Desse *Forte do Presépio*
Belém teve o inicial.

Ele tem apenas um
evento pra destacar:
entre os lusos, militares
e o povo Tupinambá
que apesar da amizade
os tentou afugentar.

Nesse confronto infernal
uma morte a destacar:
o índio *Guaimiaba*,
chefe dos Tupinambá.
Cabelo de Velha, era
pro branco identificar.

Com o tempo e o descaso
as estruturas do forte
se desgastaram, enfim,
precisando de suporte.
Só um século depois:
Lisboa enviou aporte

para o forte reformar,
torna-lo de fato belo.
Finalmente em 21
completou-se assim o elo.
Com recursos da Coroa,
novo Forte do Castelo.

No século XIX
teve um uso militar:
durante a *Cabanagem*
Malcher foi lá se abrigar,
mas *Vinagre*, persistente
fez o sangue ali jorrar.

Só depois foi que *Jerônimo*
Coelho, o presidente,
fez a praça reformar
então de modo decente,
com o aspecto que tem
agora, presentemente.

Um sobrado que merece
destaque, por singular,
à esquerda do Castelo,
a baía a emoldurar
com suas *onze janelas,*
foi Hospital militar.

Depois foi usado pelo
Comandante Militar,
abrigando a Companhia
de Guardas, a exemplar.
Hoje é cultural *Casa*
das Onze Janelas. Lar.

No início morada de
Athayde, governador.
Cômoda e confortável,
pouso bem acolhedor
do seu engenho em Moju
e pra Belém, no calor.

Praça Caetano Brandão
é o nome do lugar.
Largo da Sé foi o nome
firmado no linguajar
dos paraenses de outrora
e hoje a se ratificar.

Foi o ponto de partida
da cidade alvissareira.
porta da *Cidade Velha,*
povoação pioneira,
onde a igreja da *Sé*
foi a Catedral primeira.

De ideologias e grupos
aprumados, decididos
em prol do seu ideal,
mesmo sendo perseguidos
mantinham a coerência,
sempre muito desprendidos.
É cidade como todas
as cidades brasileiras:
no centro, elite ricas,
garbosas, muito faceiras.
Nas periferias, plebes,
suburbanas, mas brejeiras.

No centro, aristocráticos
salões para reunião,
são bangalôs luxuosos,
automóveis à exaustão,
nos subúrbios periféricos
tem barracos de montão.

Tem o Curro, a Pedreira,
Sacramenta, Cremação,
Marco da Légua, o Souza,
Jurunas, *de arribação*
e o Telégrafo Sem Fio:
bairros em evolução.

De gente que não desiste,
mente alta, pés no chão,
crianças barrigudinhas,
manga e pupunha na mão,
caboclas, lisos cabelos,
exalando o *cheiro bão*.

Do outeiro do Castelo
se vislumbra altaneira

a cidade espraiada,
dessa colina, primeira.
Ao longe várias ilhotas
que caboclice brejeira!

As águas *arrepiadas*
da baía, Rio Pará,
sujas de barro, crispadas,
trazem canoas pra cá,
com elas, mercadorias
de todo tipo e lugar.

Gaiolas também navegam
demonstrando a emoção
do passageiro, ansioso,
pura apreciação.
Os *motores* barulhentos,
se exibem à exaustão.

Belém tem muita magia,
toque sobrenatural:
tem a *Matinta Pereira*,
que as mães, de modo igual
usavam para manter
os filhos no *seu quintal.*

A Yara, a mais famosa
das amazônicas lendas,
das matas dessa Belém,
na verdade, quase *prendas*;
o boto, solto nos rios
reforçam essas parlendas.

Seja pelo Ver-o-Peso,
Porto do Sal, do Açaí,

pelo Igarapé das Almas,
na Doca do *tipiti*
trapiches do Guamá,
é passado o ti, ti, ti.

As estórias ganham vida,
ganham emendas, correções,
enriquecendo o folclore,
reforçando tradições:
a *cobra grande*, a *boiúna*,
fez da Sé, as fundações.

Belém é terra brejeira,
de matas em profusão;
de belos igarapés,
de lenda, de assombração;
da Yara, do *Carimbó*
de cadência e marcação.

Da Cidade Velha onde
tudo isso iniciou;
à Campina, Cremação
e Batista Campos: show!
Do Marco, do Umarizal,
ao Reduto que vingou.

De Canudos, Guamá
ao Telégrafo-sem-Fio;
da Pedreira, Sacramenta
ao Nazaré, do *Gentil*.
Da Marambaia, do Souza
ao Utinga varonil.

Do Manuel P. da Silva,
do *Bosque* e do *Museu*
que o paraense adora,

pois sabe que é tudo seu.
Do Ver-o-Peso sortido:
fauna e flora que Deus deu.

Belém de bela imprensa,
de órgãos tradicionais:
A Província do Pará,
de tempos imperiais
e *A Folha do Norte* que
agradava os liberais.

Ambos, entretanto, são
resquícios de bela outrora,
quando é fato, o jornalismo
não era como o de agora.
Independência, paixão
e arroubos toda hora.

De ideologias e grupos
aprumados, decididos
em prol do seu ideal,
mesmo sendo perseguidos
mantinham a coerência,
sempre muito desprendidos.

Paraenses engajados
na cultura regional
desde muito tempo lutam
para mantê-la atual:
Chermont e Mário Barata
foram diferencial.

O primeiro, jornalista,
preconizava manter
a religiosa arte
de Belém, reconhecer;

o segundo, professor,
sugeria conceber

Da estação de *São Braz,*
hoje uma rodoviária;
da caixa d'água frontal,
hoje mais que centenária.
Do *Teatro*, que *da Paz*
se tornou peça lendária.

Dos palácios e solares
da Belém imperial;
gradis de ferro batido,
desde o colonial;
dos bangalôs, das barracas;
do Paço Municipal.

Preservação da história,
da cultura dos passados,
do patrimônio local,
da arquitetura: sobrados,
das tradições, do folclore,
de há muito arraigados.

Belém é farta em cultura
desde os coloniais.
hoje, entretanto, tem
mais espaços geniais,
além do Bosque e Museu,
tem museus especiais.

A criação de um Museu
Histórico no Pará,
para as numerosas obras
belemenses, preservar.
Se buscava interessados

presse intento abraçar.

Hoje em dia são concretas,
já são realizações,
museus entraram na moda
nessa Belém, sem senões,
preservando a cultura
e as manifestações.

Temos até a Estação
das Docas pra congregar
paraenses e turistas
que aqui vem passear.
Bela área transformada.
É a cultura do Pará.

Novo Forte do Presépio,
de Arte Sacra, Museu,
a Catedral, renovada
com um acervo só seu
e a Casa dos Jesuítas
vivendo seu apogeu.

Até o velho Presídio
de São José nomeado,
hoje é Centro Cultural:
Museu de Gemas juntado
a um Pólo Joalheiro
e Artesão, convocado.

Além do Círio citado,
Belém tem a oferecer
outros traços culturais
que a cidade viu crescer:
Marujada, religiosa,

Carimbó a desenvolver.

Das *estradas* de mangueiras,
das avenidas *bordadas*,
que Manuel Bandeira viu
e por ele versejadas.
E de Cidade-Pomar
foi por ele assim chamada.

Na *Praça Pedro Segundo*
muito *pra* se regalar
além da abundante sombra,
bancos para descansar.
Em frente a ela o *Palácio*
do Governo a imperar.

Há poucos metros dali
o *Paço Municipal*
que lembra a arquitetura
do Palácio Imperial.
E o *Solar do Guajará*
na banda ocidental.

Palacetes e solares
Belém tem à exaustão.
São herança de momentos
de fartura e exposição,
da riqueza, do poder
das elites de então.

Obras do academicismo
francês existem em Belém.
Dentre eles um exemplo
que é daquele tempo aquém:
o *Palacete Bolonha*
é um exemplo desse bem.

No que foi considerado
resquícios já do final
do século, restam uns
preservando o visual.
São residências, hotéis...
Espetáculo legal.

Das igrejas de Belém
muito *pra* se comentar.
Além da *Sé*, Catedral,
Santo Alexandre, invulgar,
abrigava um Colégio
pro Jesuíta ensinar.

Na cidade Velha, ainda,
a *Capela de São João*
Batista, considerada
obra-prima, com razão,
de Antônio Landi, por
especialistas de então.

Nossa Senhora do Carmo
e também a *das Mercês*,
Rosário dos Homens Pretos,
ratificou essa tez.
A Igreja de *Sant'Ana*
também foi Landi quem fez.

Vários outros templos sacros
Belém se orgulha de ter:
Santo Antônio, Ordem Terceira
da Penitência, dever
dos lusos *Irmãos Terceiros,*
necessário esclarecer.

É interessante notar
uma Capela de traços
coloniais existente,
bem no Centro, belo espaço!
Chamada Capela do
Senhor Bom Jesus dos Passos.

Das igrejas de Belém,
impossível não citar
a *Basílica* chamada,
de arquitetura sem par,
de *Nazaré*, nominada,
centro da fé popular.

Por que nela tem evento
icônico, singular:
as festas da padroeira
de Belém, festa sem par.
No bairro do mesmo nome.
Epicentro do lugar.

É majestosa, dourada,
iluminada, febril.
Pela época do *Círio*,
se transforma, varonil.
Recebe visitas de
dentro e fora do Brasil.

Me é importante citar,
mesmo levando esporro
recordar às terças-feiras,
evitando ser bizorro,
participar das novenas
da Senhora do Socorro.

Não ia por minha fé,
nem por tal simples quimera.
O que me levava ali
todas às terças, *de vera*
era rever as meninas.
Tudo por simples paquera.

Do *Remo* e do *Paisandu*,
da *Tuna Comercial*.
do *Mangueirão* que abriga
o clássico regional.
Da feira livre e do
mercado municipal.

Do *Augusto Montenegro*,
daquele ensino *Primário,*
minhas primeiras lições,
aprendi a ser solidário.
Da *EIB*, Industrial
belo convívio diário.

Belém enfim é pra mim
muito mais que uma cidade.
É o lugar onde tive
a minha maternidade
e onde creio, afirmei
minha personalidade.



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013